

Resenha:

DEBATES SOBRE A ESCRITA DE HISTÓRIAS LITERÁRIAS ARGENTINAS NO PÓS-DITADURA, EM “CONTIENDAS EN TORNO AL CANON”.

*DISCUSIONES SOBRE LA ESCRITURA DE HISTORIAS LITERARIAS ARGENTINAS EN
EL POSDICTADURA, EN “CONTIENDAS EN TORNO AL CANON”.*

Adriele Albuquerque de Souza¹

Em *Contiendas en torno al canon: las historias de la literatura argentina posdictadura*, Guadalupe Maradei, pesquisadora da Universidad de Buenos Aires (UBA), Argentina, apresenta um conjunto de ensaios elaborados a partir de pesquisas realizadas desde 2006. Dado o momento histórico de grande dificuldade econômica e política no seu país, marcado ainda pela “larga noite”, ditadura militar, e as problemáticas da década de 90, Maradei observa a retomada da escrita de historiografia literária, citando, na seção “Sobre este libro”, a publicação, por exemplo, da *Historia social de la literatura Argentina* (nos anos 80), de David Viñas, e da *Historia crítica de la literatura argentina* (1999), de Noé Jitrik. A pesquisadora observa a crescente presença de novos projetos historiográficos que concebem o relato historiográfico “como de una memoria literaria en disputa” (MARADEI, 2020, p. 11) e parecem deixar de lado a tendência a atuar meramente em prol da construção de uma cultura nacional adotada por histórias da literatura anteriores. Com a concepção de cânone como conflito, outras formas de periodizar a história foram superando simples parâmetros biográficos e generalizações para dar lugar a “otras formas de asociación y agrupamiento de textos literarios (...)” (MARADEI, 2020, p. 14).

Em “Apertura”, a pesquisadora comenta os principais objetivos do seu estudo, quais sejam: 1) propor uma leitura crítica de três projetos - diferentes entre si - que se dedicaram a historicizar a produção literária argentina; 2) analisar posicionamentos políticos e vínculos institucionais de críticos e editores que participaram desses projetos de escrita da história literária argentina - de 1983 até o presente; 3) observar persistências, continuidades, crises e

¹ Doutoranda em Letras, na linha Sociedade, (Inter)Textos Literários e Tradução nas Línguas Estrangeiras Modernas, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Letras, na linha Literatura, Sociedade e História da Literatura, pela mesma instituição. Integrante do projeto de pesquisa Literatura Traduzida e História da Literatura, coordenado pela Profa. Dra. Karina de Castilhos Lucena (PPGLET-UFRGS). Professora de Língua Portuguesa e Língua Espanhola na rede privada de ensino de Porto Alegre.

inflexões nas linguagens críticas no que diz respeito a formas já cristalizadas de análises e ao papel outorgado/postulado dos críticos; 4) e ainda entender que tipo de pulsão se observa nas manifestações concretas das histórias da literatura argentina pós-ditadura.

Também nessa seção, Maradei debate o conceito de pós-ditadura, que pode ser considerado “como un nuevo período cultural, inédito en la historia nacional, que abarca desde la finalización de la última dictadura militar en 1983 hasta la actualidad. Su estudio se engloba en las perspectivas historiográficas del pasado reciente y el tiempo presente” (PESCADER, 2003 apud MARADEI, 2020, p. 20). Esse momento histórico está carregado de rupturas profundas e descontinuidades, bem como está permeado pela memória de um passado traumático. A autora, após discutir algumas opiniões contrárias ao uso do termo “pós-ditadura”, em consonância com Nelly Richard, defende o seu uso, posto que essa expressão deixa mais nítida a realidade conflitiva (“el atormentado residuo”) não contemplada - ou diluída - a partir do uso do termo “transição”, em sua opinião. É no período de pós-ditadura, então, que a crítica literária e cultural ocupa-se em tornar evidente “(… el horror histórico, la construcción de memorias del pasado, la denuncia y el alerta de lo que sigue vivo de la dictadura en el presente” (GALENDE, 2001 apud MARADEI, 2020, p. 22) e, segundo Maradei, no pós-ditadura, há uma “cohesión profunda en el redescubrimiento y la redefinición del país bajo las consecuencias de la dictadura” (MARADEI, 2020, p. 22). A partir desse processo, “surge la crítica como autobiografía y la crítica como historia política” (ROSA, 1999 apud MARADEI, 2020, p. 25), que podem ser observadas nas novas histórias da literatura argentina.

Nesse sentido, ainda em “Apertura”, a pesquisadora comenta sobre a publicação de três obras (“nuevas historias de la literatura argentina”) e resgata declarações - em entrevistas, por exemplo - de organizadores e autores das mesmas, em que demonstram sua visão crítica sobre o processo de elaboração dos materiais. A primeira obra trata-se do tomo VII da *Historia social de la literatura argentina*, dirigido por David Viñas, que, de acordo com Maradei, foi publicado pela editora Contrapunto em 1989 e que, tendo ficado anos esgotado, foi reeditado em 2006 e intitulado como *Literatura argentina. Siglo XX*, sob a vice-direção de Gabriela García Cedro. Após a primeira publicação, outros tomos surgiram, tendo sua periodização demarcada por situações políticas nacionais e mundiais, e sendo permeado de textos que trazem as tensões históricas/políticas para dentro da obra. Um deles - tomo III, *La*

década infame y los escritores suicidas (1930 - 1943) - foi organizado por María Pía López, que, em entrevista inédita presente na obra de Maradei, afirma o seguinte:

Es el problema de elegir la fecha. Cuando periodizás con fechas es muy complicado. En este caso, lo del 30-43 coincidía con algunas periodizaciones historiográficas como las de Halperín Donghi. Había más para sostenerlo desde lo historiográfico y desde la lógica de los acontecimientos políticos y sociales de la Argentina que desde una historia literaria. Me parece que, si hay algo que caracteriza a esta colección en particular, la lógica que construye a la visión del todo, es una lógica muy adscripta a la teoría crítica de David de los acontecimientos del ámbito de la literatura y de la cultura dependen siempre de un contexto que es histórico, económico, social, político. En este sentido es muy poco literaria la periodización (...). (MARADEI, 2020, p. 28)²

A segunda obra trata-se de *Historia crítica de la literatura argentina* (1999), organizada por Noé Jitrik e publicada por Emecé. Também organizada em tomos, segundo afirma Jitrik no prefácio do primeiro tomo, citado por Maradei em *Contiendas*, esse projeto de história da literatura busca centrar-se nos momentos de maior tensão da história, que geram novas estruturas sociais. Nas suas palavras: “(...) lo que importa son los momentos de inflexión, los más dramáticos - conocidos y secretos -, las situaciones en que lo acumulado se concentra sobre sí mismo y da origen a nuevas estructuras, a nuevas modulaciones” (JITRIK, 1999 apud MARADEI, 2020, p. 33). Por fim, a terceira obra analisada por Maradei é *Breve historia de la literatura argentina* (2006), escrita em tomo único por Martín Prieto e publicada por Taurus. Em entrevista, o autor justifica a importância da obra pela necessidade da existência de uma história literária relatada por uma única voz (“un texto autorizado por una sola voz”³), podendo ser útil no processo de ensino de literatura.

Maradei finaliza a abertura do livro comentando que, para além da análise dessas obras, durante a pesquisa, também levou em consideração textos publicados - alguns inclusive paralelamente a essas histórias da literatura - por autores e críticos sobre a própria concepção de escrita da história, os quais iluminam a análise, mas também são corpus em *Contiendas* (dentre eles, textos de Beatriz Sarlo, David Viñas, Ricardo Piglia, Josefina Ludmer). A pesquisadora, a partir disso, centra-se nos seguintes eixos de discussão: problemas de periodização, concepção de literatura nas histórias literárias, desenvolvimento dos gêneros e sua redefinição, história dos movimentos literários.

² Entrevista inédita com María Pía López, presente na obra de Maradei. Segundo a autora, a entrevista foi realizada em fevereiro de 2012, em Buenos Aires.

³ Entrevista inédita com Martín Prieto, presente na obra de Maradei. Segundo a autora, a entrevista foi realizada em março de 2008, em Rosário.

No primeiro capítulo, intitulado “Problemas de historia y crítica”, Maradei apresenta dois debates centrais: a revisão dos projetos historiográficos anteriores à publicação das três obras analisadas - e mencionadas anteriormente aqui -, cujo objetivo foi conseguir verificar quais são as práticas de “historiar la literatura en el seno de la tradición crítica argentina” (MARADEI, 2020, p. 36); e a leitura de um dos traços em comum entre *Literatura argentina. Siglo XX* (2006) e *Historia crítica de la literatura argentina* (1999): a inconclusividade. A primeira obra foi escrita há 24 anos (desde a primeira versão de Viñas) e a segunda há 14 anos. Guadalupe considera que essa temporalidade “arroja luz sobre su propia historicidad y sobre su relación específica con la crítica” (MARADEI, 2020, p. 38).

Para Maradei, nos três projetos é possível observar que há a busca por momentos e figuras chaves da literatura argentina, que construíram o cânone. Também é notável a busca de atualização/transformação do cânone por parte dos autores, os quais permitem-se dialogar com outros projetos historiográficos e mesmo com conflitos sobre o tema dentro dos seus próprios projetos. Essas novas histórias da literatura argentina, então, problematizam as obras a partir da sua historicidade na luta pela hegemonia cultural. Maradei entende que, a partir da forma como os críticos decidem periodizar as obras, acabam revelando concepções sobre o que é literatura como objeto de conhecimento ou de saber, gerando “una relación dialéctica entre la lectura de la obra como documento de una época y las configuraciones críticas del presente” (MARADEI, 2020, p. 60).

No que diz respeito ao problema da inconclusividade, a pesquisadora conclui que as novas histórias da literatura argentina não pretendem atingir uma totalidade, de modo que, segundo relatos reunidos, os críticos compreendem que há um limite na narração da história da literatura e, portanto, é necessário estabelecer recortes temporais e materiais selecionados para escrevê-las. Maradei afirma que a inconclusividade se expressa como um problema material de condições de produção e de uma transição em direção a uma mudança de paradigma, mas também da “inteligibilidad del irreductible ‘placer’ que produce la lectura de ‘textos clásicos’ (Barthes, 1993)” (MARADEI, 2020, p. 66) - do gosto por fazer a crítica.

No segundo capítulo, intitulado “Genealogías teóricas para un género revisitado”, Maradei realiza um debate teórico sobre a história da literatura como gênero, para situar e historicizar a pesquisa. Os projetos historiográficos do pós-ditadura abandonam perspectivas objetivistas e totalizadoras, partindo do entendimento de que não é possível propor um único

relato possível da história, mas sim uma explicação, dentre tantas outras, sobre os fatos e materiais históricos (“la historia como conflicto”). Para aprofundar a discussão sobre prática historiográfica, a pesquisadora resgata alguns teóricos que se debruçaram sobre o tema e que refletem sobre história e literatura. Dessa forma, retoma formulações de Walter Benjamin sobre a autoria e a dialética entre passado e presente; de Hans-Robert Jauss sobre o leitor e a crítica ao positivismo; e de Hayden White sobre o narrador.

No terceiro capítulo, intitulado “Intervenciones sobre el canon de las nuevas historias de la literatura argentina”, Maradei reflete sobre o cânone e as escolhas realizadas pelos organizadores/escritores das três histórias da literatura analisadas em *Contiendas*. Ela percebe que a ideia de história da literatura como catálogo foi superada pela seleção de obras com base em “autores, géneros, núcleos temáticos y problemas determinados” (MARADEI, 2020, p. 98). Como já tinha anunciado em “Apertura”, desenvolve a ideia de que, para os autores dessas novas histórias, o cânone não é indiscutível, mas sim atualizável e motivo de tensão/debate. A pesquisadora apresenta um apanhado histórico dos debates sobre a formação do cânone na literatura argentina, trazendo vozes de críticos que opinaram sobre o tema. Afirma que o cânone relaciona-se com a seleção de certas obras, em detrimento de outras - que não se enquadram em parâmetros determinados pelos autores de determinada história da literatura, por exemplo. Esse recorte confirma ou questiona uma hegemonia cultural e política, “crucial para la conservación y posterior visibilidad y legitimidad de los textos de la cultura” (MARADEI, 2020, p. 105), que relaciona-se com as lutas pelo sentido da história.

Nesses marcos, então, Maradei escolhe aprofundar-se em três problemas, quais sejam : 1) no protocolo de leitura crítica que ela chama de “pós-ditatorial”, em que os críticos, no pós-ditadura, buscam ver os anúncios do horror histórico nas produções literárias; 2) nas formas como as três histórias da literatura lêem a literatura escrita por mulheres, observando as transformações que o pós-ditadura acarretou no que diz respeito a lutas e conquistas; 3) na valorização da literatura de testemunho e nos debates sobre política/literatura, ficção/realidade e as distintas concepções do cânone.

No quarto capítulo, “Modos de periodización y acciones críticas en el vínculo entre serie literaria y serie histórica”, Maradei analisa as formas de periodização escolhidas pelos organizadores/autores das três histórias da literatura que são o *corpus* da sua pesquisa. Ela observa que, em todas essas, outros parâmetros, para além dos períodos literários, são

adotados. Agora são possíveis também formas associativas, como “parâmetros culturais, secuencias temáticas, pertenencias de género, entre otras” (MARADEI, 2020, p. 157). Dessa forma, a pesquisa vai a fundo na análise sobre a forma crítica como cada uma das histórias da literatura se desloca, ou ressignifica, a periodização tradicional, refletindo sobre categorias consideradas ultrapassadas e propondo outros marcos de organização temporal para a historiografia literária. Observa-se que há, nas duas primeiras histórias, uma preferência pela leitura de processos, ao invés de estruturas fixas como a das “gerações literárias”. Maradei cita fragmentos de entrevista inédita realizada com Noé Jitrik, organizador da *Historia crítica de la literatura argentina* (1999), em que o organizador afirma ter decidido por capítulos com base em momentos decisivos da história - “en que la literatura argentina se vuelve sobre sí misma y reformula sus limitaciones, sus posibilidades, sus perspectivas... cuando cierto tipo de alternativas y desafíos empiezan a tomar formas” (MARADEI, 2020, p. 160) -, com tensão, emergentes, símbolos também de ruptura. Na história escrita por Martín Prieto, por outro lado, a periodização é organizada a partir de categorias como “novidade” e “produtividade”, como evolução. Essas noções, segundo Maradei, relacionam-se com certa ideia de hierarquia entre periferia e centro, no que diz respeito ao desenvolvimento cultural - como se a literatura argentina buscasse inovar, acertando os ponteiros do seu relógio com o da Europa.

Dessa forma, observa-se que a pesquisadora realiza um pertinente estudo que joga luz sobre novas formas de historicizar a literatura, a partir de um período decisivo da história social e política argentina: o momento “pós-ditadura”. Já ao defender o uso do termo, demonstra a grande tensão presente no período, carregado de mudanças sociais profundas e permeado de um trauma coletivo ainda não elaborado. Também ao usá-lo, e entendendo o impacto do vivido pela sociedade argentina, mostra os movimentos feitos pela crítica, que - ao que tudo indica - percebe que esquemas tradicionais de narração da história já não são suficientes e que o cânone, carregado de tensão, torna-se foco de discussão, ao invés de sacralização. Os processos e os momentos cruciais da história que revelam tensões parecem ganhar mais importância, então, na hora de narrar a história literária, porque impactam a literatura e iluminam novas formas e novos questionamentos sobre o cânone. Novos agentes (autoria feminina, por exemplo) e gêneros (como a literatura de testemunho, por exemplo) pedem passagem e abrem espaço dentro dos processos e, portanto, exigem alterações na

própria história da literatura enquanto gênero. O estudo de Guadalupe Maradei é de grande valor não apenas pelo que acumula no tocante à literatura argentina, mas também para todo aquele - ou aquela - que se debruça sobre a escrita de historiografia literária, ditadura/pós-ditadura, memória, conflitos em torno ao cânone, autoria feminina e novos gêneros emergentes na virada do século XX para o XXI.

Referências

MARADEI, Guadalupe. *Contiendas en torno al canon: las historias de la literatura argentina posdictadura*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Corregidor, 2020.

Recebido em: 30/07/2021; Aceito em: 03/11/2021.